

HISTÓRIA DA  
EDUCAÇÃO  
E CULTURA  
ESCRITA

---

VOLUME 1

### **Conselho Editorial Educação Nacional**

Prof. Dr. Adolfo Ignacio Calderon – PUC/Campinas  
Prof. Dr. Afranio Mendes Catani – USP  
Prof. Dr. Altair Alberto Fávero – UPF/RS  
Profa. Dra. Carina Maciel – UFMS/MS  
Prof. Dr. Daniel Calbino Pinheiro (UFS/UFVJM)  
Prof. Dr. Diego Bechi – UPF/RS  
Profa. Dra. Dóris Pires Vargas Bolzan – UFSM/RS  
Prof. Dra. Edite Maria Sudbrack – URI/RS  
Profa. Dra. Edineide Jezine – UFPB  
Profa. Dra. Egeslaine De Nez – UFRGS/RS  
Profa. Dra. Elisiane Machado Lunardi – UFSM/RS  
Profa. Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira – Unicamp/SP  
Prof. Dr. Elton Luis Nardi – Unoes/SC  
Prof. Dr. Fernando José Martins – Unioeste – Paraná  
Profa. Dra. Flávia Goulart Roza – UFBA – Bahia  
Prof. Dr. Gildenir Carolino Santos – Unicamp/SP  
Prof. Dr. João dos Reis da Silva Junior – UFSCar/SP  
Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho – Unicamp/SP  
Prof. Dr. José Vieira de Sousa – UnB/DF  
Profa. Dra. Lara Carlette Thiengo – UFMG/MG  
Prof. Dr. Lindomar Boneti – PUC/PR  
Profa. Dra. Lourdes Zilberberg Oviedo – FAAP/SP  
Prof. Dr. Lucidio Bianchetti – UFSC/SC  
Prof. Dr. Márcio Giusti Trevisol – Unoes/SC  
Profa. Dra. Maria Abadia da Silva – UnB/DF  
Profa. Dra. Maria de Lourdes Pinto de Almeida – UFSM, Unicamp  
Profa. Dra. Maria Tereza Ceron Trevisol – Unoes/SC  
Profa. Dra. Maria Thereza Ávila Dantas Coelho – UFBA/SC  
Profa. Dra. Maria Vieira Silva – UFU/MG  
Profa. Dra. Margarita Victoria Rodrigues – UFMS/RS  
Profa. Dra. Marilene Dalla Corte – UFSM/RS  
Profa. Dra. Marília Morosini – PUCRS/RS  
Prof. Dr. Paulo Almeida – UFPA/PA  
Prof. Dr. Renato Dagnino – Unicamp/SP  
Profa. Dra. Romilda Teodora Ens – PUCPR/PR  
Profa. Dra. Rosane Sarturi – UFSM/RS  
Profa. Dra. Sandra Simone Hopner Pierozan – UFFS/SC  
Profa. Dra. Silvia Regina Canan – URI/RS  
Profa. Dra. Vera Jacob – UFPA/PA

### **Conselho Editorial Educação Internacional**

Prof. Dr. Adrián Ascolani – Universidad Nacional de Rosario/Conicet/Argentina  
Prof. Dr. Adrian Cammarota – IDES/Argentina  
Prof. Dr. Antonio Bolívar – Universidad de Granada/Espanha  
Prof. Dr. Antonio Cachapuz – Universidade de Aveiro/Portugal  
Prof. Dr. Antonio Teodoro – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias/Portugal  
Profa. Dra. Dora Fonseca – Universidade de Aveiro/Portugal  
Prof. Dr. Enrique Martinez Larrechea – IUSUR/Uruguai  
Profa. Dra. Fatima Antunes – Universidade do Minho/Portugal  
Prof. Dr. Geo Saura – Universidad de Granada/Espanha  
Prof. Dr. Jaime Moreles Vazquez – Universidade de Colima/México  
Profa. Dra. Maria Carmen Lopez Lopez – Universidade de Granada/Espanha  
Profa. Dra. Maria Cristina Parra Sandoval – Universidad del Zulia/Venezuela  
Profa. Dra. María Rosa Misuraca – Universidad Nacional de Luján/Argentina  
Profa. Dra. María Verónica L. Guerrero – Pontificia Universidad Católica de Valparaíso/Chile  
Profa. Dra. Mariana Porta – Universidad de La República – Udelar/Uruguai  
Prof. Dr. Mariano Fernandez Enguita – Universidad de Madrid/Espanha  
Prof. Dr. Norberto Lamarra – Universidad Trés de Febrero/Argentina  
Profa. Dra. Olga Cecilia Diaz Flores – Universidad Nacional Pedagógica – Colômbia  
Prof. Dr. Pablo Daniel Garcia – Universidad Trés de Febrero/Argentina  
Profa. Dra. Patricia Viera Duarte – Universidad de la República/Uruguai

Giovani Ferreira Bezerra  
Kênia Hilda Moreira  
Antonio Viñao Frago  
(organizadores)

**HISTÓRIA DA  
EDUCAÇÃO  
E CULTURA  
ESCRITA**

---

**VOLUME 1**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

História da educação e cultura escrita : volume 1 / Giovani Ferreira Bezerra, Kênia Hilda Moreira, Antonio Viñao Frago. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2025.

ISBN 978-85-7591-784-8

1. Educação - História 2. Escrita - História 3. Leitura  
I. Bezerra, Giovani Ferreira II. Moreira, Kênia Hilda. III. Frago, Antonio Viñao.

25-253347

CDD-370.9

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Educação : História 370.9

*capa:* Studio Rotta Design Gráfico

*gerência editorial:* Vanderlei Rotta Gomide

*preparação dos originais:* Editora Mercado de Letras

*revisão final:* dos autores

*bibliotecária:* Eliane de Freitas Leite – CRB 8/8415

A obra passou por todas as etapas de avaliação por pares,  
membros do Conselho Editorial da Mercado de Letras,  
sendo avaliação interna e externa.

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

[www.mercado-de-letras.com.br](http://www.mercado-de-letras.com.br)

[livros@mercado-de-letras.com.br](mailto:livros@mercado-de-letras.com.br)

1ª edição

**2025**

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

---

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.  
É proibida sua reprodução parcial ou total  
sem a autorização prévia do Editor. O infrator  
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

---

# SUMÁRIO

PREFÁCIO. ....	9
<i>Estela Natalina Mantovani Bertoletti</i>	
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA ESCRITA: APRESENTAÇÃO .....	17
ENTREVISTA COM ROGER CHARTIER .....	23
<i>Giovani Ferreira Bezerra, Kênia Hilda Moreira, Antonio Viñao Frago</i>	
1. HISTÓRIA DAS CULTURAS DO ESCRITO: DILEMAS TEÓRICO-METODOLÓGICOS NO COTIDIANO DA PESQUISA. ....	43
<i>Ana Maria de Oliveira Galvão</i>	
2. IMPRESSO PERIÓDICO COMO OBJETO DA CULTURA ESCRITA: UMA LEITURA PRATICADA NA E PELA NOVA HISTÓRIA CULTURAL .....	77
<i>Giovani Ferreira Bezerra</i>	
3. HISTÓRIA DIGITAL DA EDUCAÇÃO: DEMANDAS, DESAFIOS, POSSIBILIDADES E EXPERIÊNCIAS .....	119
<i>Vinicius de Moraes Monção</i>	
4. PELAS AMARRAS DO ESCRITO: UM PERCURSO INVESTIGATIVO EM CADERNOS DE PLANEJAMENTO DE PROFESSORAS (DÉCADAS DE 1950/1980). ....	143
<i>Maria Teresa Santos Cunha</i>	
5. CARTAS CAMPESINAS: LA CORRESPONDENCIA COMO ELEMENTO EDUCATIVO PARA LA RURALIDAD COLOMBIANA EN EL MODELO DE ACCIÓN CULTURAL POPULAR 1954-1975 .....	163
<i>Sara Evelin Urrea Quintero</i>	

6. WRITING FOR A BETTER WORLD: THE VOICE  
OF THE CHILDREN AND STUDENT-LED  
PUBLICATIONS IN THE 1920'S ..... 189  
*Yotam Ronen*
  
7. EL GÉNERO MARCADO: LA FORMACIÓN  
DE UNA LITERATURA FEMENINA EN LA REVISTA  
*ELEGANCIAS* (1911-1914) ..... 217  
*María Florencia Capurro*
  
8. IMPRESSOS (FEMININOS) DE LARGA CIRCULAÇÃO  
COMO INDICADORES DA HISTÓRIA DAS CULTURAS  
DO ESCRITO NA AMÉRICA LATINA: REVISTAS DE  
FOTONOVelas NO BRASIL E NA ARGENTINA,  
ENTRE FINS DOS ANOS 1940 E A DÉCADA DE 1960... 241  
*Juliana Ferreira de Melo*
  
9. APRENDER A LER E A ESCREVER NA ESPANHA  
DA IDADE MODERNA (SÉCULOS. XVI E XVII) ..... 277  
*Antonio Castillo Gómez*
  
10. LECTURA EN VOZ ALTA Y FORMACIÓN DEL  
MAGISTERIO PRIMARIO: DISCURSOS, MANUALES  
Y PRÁCTICAS (ESPAÑA, SEGUNDA MITAD DEL  
SIGLO XIX – PRIMER TERCIO DEL XX). .... 329  
*Antonio Viñao Frago*
  
11. A MORTE NOS LIVROS DE LEITURA  
DO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO XX:  
UM CONTEÚDO PARA CRIANÇAS? ..... 357  
*Kênia Hilda Moreira,*  
*Thaise Barbosa Rodrigues*
  
12. NOTAS SOBRE O COMPÊNDIO “CURSO  
COMPLETO DE DESENHO PARA O ENSINO  
SECUNDÁRIO – 1ª SÉRIE GINASIAL”,  
DE AMADEU SPERÂNDIO ..... 387  
*Dulce Regina Baggio Osinski,*  
*Ricardo Carneiro Antonio*

13.	DICIONÁRIO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: VERBETES DE AUTORAS/ES DE LIVROS PARA O ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA NO BRASIL OITOCENTISTA . . . . .	417
	<i>Diane Valdez,</i> <i>Ana Raquel Costa Dias</i>	
	SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES . . . . .	443



Prefácio  
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA  
ESCRITA: OS CAMPOS E SUAS INTERFACES

*Estela Natalina Mantovani Bertoletti*

Neste livro, estão organizados capítulos nos quais são investigadas relações entre História da Educação e da Cultura Escrita, mas mais do que isso são materializadas inflexões sobre essas relações no sentido de problematizar as possibilidades de estudos e pesquisas desenvolvidas nos campos e/ou ainda centradas na categoria de análise histórica da Cultura Escrita. Nesse sentido, nos capítulos encontram-se reflexões e discussões teórico-metodológicas sobre os campos, suas influências e referenciais adotados; registros de modos de produção e usos de determinadas tecnologias e objetos da cultura escrita; e também são apresentadas análises de produtos específicos das sociedades letradas em relação a essa cultura, em especial, os textos impressos e digitais, seus agentes e seus suportes materiais.

Como se sabe, a década de 1990, no Brasil, é considerada época emblemática de mudanças paradigmáticas nas ciências humanas em geral e na educação, em particular, na qual os campos de pesquisas históricas vieram se firmando como tendência teórico-metodológica bastante fecunda (Mortatti 1999), enriquecidos e renovados por inúmeras e diversas perspectivas teóricas e instâncias acadêmico-científicas, além do caráter interdisciplinar neles instalados.

O campo da História da Educação, em especial, sofreu:

[...] uma mudança substantiva na forma própria de organizar e realizar as pesquisas: além da continuidade

da tradição das investigações efetuadas individualmente, emergiu na área, como em todo o campo da educação, uma multiplicidade de grupos de pesquisa que se impuseram o desafio de investigações de escopo alargado, de longo prazo e com grande preocupação com o mapeamento, organização e disponibilização de acervos documentais. Assistimos, também, à organização de associações científicas específicas da área, que se constituíram órgãos de divulgação impressa. Em 1996, os pesquisadores em história da educação do Rio Grande do Sul, decidiram, pioneiramente, criar a Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação/ASPHE, responsável pela publicação História da Educação. Em 1999, foi a vez da criação da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), fruto de um trabalho de cooperação e articulação dos diversos pesquisadores e grupos de pesquisas atuantes na área, e da Revista Brasileira de História da Educação. Houve também, no período, o crescimento do intercâmbio com pares de outros países, notadamente Portugal e França, através da realização de congressos (lusobrasileiros e iberoamericanos); de programas de doutoramento e pós-doutoramento em universidades estrangeiras, bem como da vinda de pesquisadores internacionais ao Brasil. (Vidal e Faria Filho 2003, pp. 59-60)

Em acréscimo, a História da Educação passou a ter interlocução com outras disciplinas acadêmicas, como Sociologia, Linguística, Literatura, Política, Antropologia, Geografia, Arquivística, bem como se passou a compreendê-la - não sem tensões e polêmicas -, como uma subárea da Educação e uma superespecialização da História (Vidal e Faria Filho 2003).

Com efeito, temas e problemas, objetos e fontes de pesquisa passaram a ser revisitados, sofrendo o que passou a ser chamado de uma “virada paradigmática” que permitiu outras “novas” abordagens, levando a outras “novas” interpretações. Assim, de uma História da Educação, durante muito tempo,

essencialmente institucional e ideológica (Chartier, 1990), passou-se a priorizar campos de trabalho

[...] numerosos para uma história que já não confunde os discursos sobre educação com os reais processos educativos e que pode propor (uma vez clarificados a função e o funcionamento da escola em seus diferentes níveis) um novo exame dos antigos interesses: as teorias e projectos pedagógicos, os métodos de ensino, os conteúdos ensinados. (Chartier, 1990, p. 162)

Para investigação dos “reais processos educativos” ampliou-se a acepção de fontes: às “tradicionais” fontes normativas, legais, oficiais, burocráticas, escritas, juntaram-se outras, ordinárias, comuns, cotidianas, privadas, orais e mais próximas da “caixa preta” da escola. (Julia 2001).

O caso da História da Cultura Escrita, por sua vez, embora dialogando com estudos e pesquisas sobretudo europeus, ao que tudo indica, vem se constituindo no Brasil com essa denominação como forma de avançar e adquirir um estatuto próprio, e se identificar em suas diferenças em relação a três tradições: à paleografia, à história da alfabetização/*literacy* e à história do livro e da leitura,\* uma vez que é capaz de englobar um conjunto amplo de objetos e abordagens do escrito (Galvão e Frade 2016), cujas pesquisas buscam ou devem buscar superar as dicotomias entre oralidade e escrita, alfabetização e letramento, livro e leitura, leitura e escrita, impresso e manuscrito, escrito oficial e ordinário, sociedades orais e sociedades letradas entre outras. Na verdade,

Se considerarmos cultura escrita como o lugar simbólico e material que o escrito ocupa em determinados grupos

\* Sobre a relação da História da Cultura Escrita com esses campos, ver, sobretudo, o texto de Ana Maria Galvão que integra esta coletânea.

sociais, comunidades e sociedades, em épocas distintas (Galvão 2010), são muitas as “entradas” (Chartier 2002) que podem ser utilizadas para estudá-la: as instâncias ou instituições que ensinam ou possibilitam a circulação do escrito; os objetos que lhe dão suporte; os próprios suportes nos quais o escrito é difundido e ensinado; os sujeitos que o utilizam (ou não); os seus meios de produção e transmissão. (Galvão e Frade 2016, pp. 207-208)

A especificidade desta categoria, portanto, constitui a base comum das pesquisas brasileiras para instituição de um campo em construção que se sustenta sobre o escrito, sua circulação, apropriação e uso, mas também sobre o tempo e o espaço que o escrito ocupa, os sujeitos e agentes envolvidos, as relações de poder, o escrito e outras dimensões de linguagem etc. Nas palavras de Galvão (n.d., n.p.), isto:

[...] traz algumas consequências. A primeira delas diz respeito à compreensão de que a cultura escrita, principalmente em sociedades complexas, não é homogênea. [...] Outra consequência refere-se ao papel ativo ocupado pelos sujeitos na produção das culturas do escrito.

[...]

A definição esboçada também nos leva a diferenciar cultura escrita de letramento [...] Se considerarmos que o letramento se refere, predominantemente, aos usos sociais da leitura e da escrita, compreendemos que ele compõe uma das dimensões das culturas do escrito, mas não pode ser tomado como seu sinônimo. [...]

Por fim, uma última consequência merece ser destacada: os lugares que o escrito ocupa não são os mesmos para os diferentes sujeitos e grupos que vivem naquela sociedade. Reconhecemos, assim que as culturas do escrito não podem ser consideradas fora das relações de poder.

Ora, se tomar-se a educação em seu sentido amplo, como as relações de ensinar e aprender em uma dada época e sociedade, isso ocorre em diferentes instâncias que vão desde a família até a escola, em suas acepções materiais e imateriais. Assim, o escrito circula, é produzido, é usado, relaciona-se com diversas modalidades da linguagem; é instrumento, protagonista e catalisador das relações de educação, quaisquer que sejam elas. Se tomar-se os campos correlatos à História da Educação e à História da Cultura Escrita nos quais se fazem presentes as fontes tomadas como documentos, escritas e orais, como na História da Alfabetização, História da Literatura Infantil e Juvenil, História dos Impressos, História do Letramento, e por que não, História Digital, entre tantas outras, não há como negar a mediação do escrito nas relações interlocutivas, uma vez que a linguagem humana, em todas as suas modalidades, medeia, constitui e é produto dessas relações.

Nesse sentido, História da Educação e História da Cultura Escrita dialogam e se complementam em suas interfaces.

A multimodalidade da linguagem, as sociedades orais, a tecnologia da leitura e da escrita, os impressos em suas diferentes adjetivações explicitadas ou não, permitem abordar a escrita como cultura, subjetivada por objetos, sujeitos, tempos e espaços como elementos, eles mesmos, históricos. Ou seja, a ideia de que tudo o que é produzido pelo ser humano é resultado de uma cultura – e com a escrita não seria diferente – permite a interlocução de pesquisas históricas, seja com foco na especificidade da educação, seja com foco nas incursões do escrito, seja em ambos, sem dúvida nenhuma.

Mas as relações são muito mais complexas. Enfocar o objeto específico, o sujeito comum, o tempo e o espaço definidos nas pesquisas em História da Educação e História da Cultura Escrita não se dá em movimento linear da história, nem tampouco, simples. Nele, estão imbricadas descontinuidades,

contradições, rupturas e invenções, e isto pode se perceber na leitura deste livro.

Em tentativa de síntese, portanto, este livro permite pensar que o movimento histórico é complexo e que a pesquisa histórica, em geral, tem a missão de “fazer defeitos na memória”, conforme Albuquerque Junior (2008) afirma textualmente, parafraseando o poeta sul-mato-grossense, Manoel de Barros (1916-2014). Com isso, só posso encerrar este prefácio assegurando que este livro é de grande contribuição para os campos aqui tematizados e que interessa a estudantes e professores, a pesquisadores iniciantes e experientes, a historiadores e historiadores da educação, uma vez que os temas/problemas aqui estudados são fundamentalmente intrínsecos à cultura do passado, do presente e do futuro, na qual somos todos protagonistas.

Paranaíba, outono de 2023.

### *Referências*

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. “Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a pesquisa em história?”, *in*: GONÇALVES, Márcia de Almeida *et al.* (org.). *Qual o valor da história hoje?* Rio de Janeiro: FGV, pp. 21-39, 2012.
- CHARTIER, Roger. “Educação”, *in*: LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger e REVELS, Jacques. *A nova história*. Trad. M. H. Arinto e R. Esteves. Coimbra: Almedina, pp. 160-162, 1990.
- GALVÃO, Ana Maria. “Cultura Escrita.” *Glossário Ceale*. Belo Horizonte: Ceale, n.d. Disponível em: <https://www.ceale>.

fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/cultura-escrita.  
Acesso em: 29/04/2023.

GALVÃO, Ana Maria e FRADE, Isabel. “Dossiê: História da Cultura Escrita. Apresentação.” *Revista Brasileira de História da Educação*, vol. 16, nº 1, pp. 207-214, jan/abr. 2016.

JULIA, Dominique. “A cultura escolar como objeto histórico.” *Revista Brasileira de História da Educação*, nº 1, pp. 9-44, jan/jul 2001. Trad. Gizele de Souza.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. “Notas sobre linguagem, texto e pesquisa histórica em educação.” *História da Educação*, ASPHE/FaE/UFPel, nº 6, Pelotas, p. 69-77, out. 1999.

VIDAL, Diana G. e FARIA FILHO, Luciano M. “História da educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970).” *Revista Brasileira de História*, vol. 23, nº 45, pp. 37-70, 2003.



## HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA ESCRITA: APRESENTAÇÃO

Esta obra integra uma coleção de três volumes que compõem o projeto editorial da linha de pesquisa História da Educação, Memória e Sociedade, com o objetivo de divulgar os temas e as conexões interinstitucionais desenvolvidos por pesquisadoras e pesquisadores da linha, de modo articulado, ao longo de sua trajetória.<sup>1</sup> Apesar do caminho percorrido evidenciar diálogos histórico-educacionais em diferentes perspectivas, tempos, espaços e temas, chegamos a três temáticas que articulam essas produções: 1) a formação e profissão docente; 2) as instituições educativas; e 3) a cultura escrita. Para organizar e compor esta coleção, além de docentes e discentes da linha, contamos com parceiras e parceiros de pesquisa que têm compartilhado de nossas atividades acadêmicas nos mais diferentes âmbitos, ao longo dos anos, salientando nossa articulação em âmbito nacional e internacional. Incluímos ainda autoras e autores de referência para as pesquisas no campo da História da Educação. Os volumes da coleção intitulam-se: Volume 1: *História da Educação e Cultura Escrita*; Volume 2: *História da Educação e Instituições Educativas* e Volume 3: *História da Formação e da Profissão Docente*.

\* \* \*

---

1. Vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal da Grande Dourados, foi criada junto com o Programa, em 22 dez. 2007. O projeto editorial contou com recursos PROAP/CAPES de 2021 em coedição com a Mercado de Letras.

O volume *História da Educação e Cultura Escrita* contém 13 capítulos e uma entrevista com Roger Chartier, organizado com o objetivo de abordar conceitual e empiricamente as discussões em torno da cultura escrita ou das culturas do escrito, como questiona Ana Galvão em seu capítulo. A presente coletânea conta com textos de autoras e autores de várias regiões do Brasil, além da Argentina, Canadá, Colômbia, Espanha e França, evidenciando uma interlocução internacional em torno da temática.<sup>2</sup> No que diz respeito à delimitação temporal, as pesquisas aqui expostas vão do início da Idade Moderna, com o capítulo de Antonio Castillo Gómez, ao período contemporâneo, incluindo as discussões em torno da chamada “História Digital da Educação”, com Vinicius Monção.

Entre os textos destinados a uma discussão teórica, conceitual e metodológica estão, a entrevista com Roger Chartier e os capítulos “História das culturas do escrito: dilemas teórico-metodológicos no cotidiano da pesquisa”, de Ana Galvão; “O impresso periódico como objeto da cultura escrita: uma leitura praticada na e pela Nova História Cultural”, de Giovani Bezerra; e “História Digital da Educação: demandas, desafios, possibilidades e experiências”, de Vinicius Monção. Na entrevista que fizemos a Roger Chartier perguntamos, dentre outras coisas, sobre a escrita da História a partir das mudanças produzidas em torno das novas tecnologias, das redes sociais e da pandemia de Covid-19, além de questioná-lo sobre as possíveis relações entre História da Educação e cultura escrita.

Tendo como público leitor a comunidade de historiadores(as) da educação, Ana Galvão propõe uma discussão teórico-metodológica, considerando os pressupostos teórico-conceituais para a produção da pesquisa em torno

---

2. O presente volume compõe as discussões do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Cultura Escrita (NEPCE), articulado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação, Memória e Sociedade (GEPHEMES).

da(s) cultura(s do) escrita(o), ressaltando que as escolhas metodológicas têm efeitos no conhecimento produzido e devem ser continuamente avaliadas e reavaliadas. Giovani Bezerra perscruta sobre a análise do impresso periódico como parte da cultura escrita a partir da perspectiva da Nova História Cultural, abordando questões teóricas e metodológicas que se relacionam aos impressos como fonte de investigação.

Vinicius Monção, por sua vez, convida à reflexão sobre o impacto da História Digital na História da Educação e a avançar sobre as discussões referentes à dimensão dos aspectos inerentes ao digital. O autor destaca que a escrita da História, quando atravessada pelas tecnologias digitais, carece de uma atenção metodológica que permita enfrentar os desafios e as possibilidades do poder da hipertextualidade.

Entre os capítulos que propõem uma análise de textos manuscritos estão “Pelas amarras do escrito: um percurso investigativo em cadernos de planejamento de professoras (Décadas de 1950/1980)”, de Maria Teresa Santos Cunha; e “Cartas campesinas: la correspondencia como elemento educativo para la ruralidad colombiana en el modelo de Acción Cultural Popular 1954-1975”, de Sara Urrea. Maria Teresa Santos Cunha afirma que o investimento teórico-metodológico materializado nos cadernos de planejamento das professoras que ela analisa fornece pistas para investigar tais materiais, no âmbito das práticas de escrita, como “memórias modestas” e “escritas ordinárias”, permitindo enxergar maneiras de ver, de estar e de ensinar na escola. Sara Urrea, por sua vez, analisa o intercâmbio epistolar entre os camponeses e a Ação Cultural Popular na Colômbia como forma de superar a comunicação unilateral da rádio, da imprensa e dos impressos produzidos pela referida instituição. A autora observa que a elaboração de cartas pelos camponeses se constituiu como elemento de formação para além dos objetivos propostos e destaca que tal

análise pressupõe uma preocupação com uma “história das pessoas comuns”.

Abordando os processos desde o manuscrito até a produção do impresso, em “Writing for a Better World: the voice of the children and student-led publications in the 1920’s”, Yotam Ronem analisa a elaboração da revista *Voice of the Children*, produzida pelas crianças na Stelton Modern School, Nova Jersey, nos Estados Unidos, entre 1922 a 1930. O autor investiga a produção deste periódico com ênfase para a colaboração das crianças na escrita, composição tipográfica e impressão da revista, concluindo que as práticas foram pautadas pelo modelo igualitário e cooperativo, centrado no compromisso das crianças com uma vida em comunidade, como pressupõe a educação anarquista.

No que se refere à análise de textos impressos no formato imprensa estão os capítulos “El género marcado: la formación de una literatura femenina en la revista *Elegancias* (1911-1914)”, de María Florencia Capurro; e “Impressos (femininos) de larga circulação como indicadores da história das culturas do escrito na América Latina: revistas de fotonovelas no Brasil e na Argentina, entre fins dos anos 1940 e princípios da década de 1960”, de Juliana Ferreira de Melo. Ambas apresentam revistas femininas como fonte de investigação.

María Florencia Capurro expõe a relação entre a produção de revistas e a construção da mulher leitora moderna na América Latina no começo do século XX. A autora questiona sobre o lugar que ocupam as leitoras no imaginário dos autores de *Elegancias*, nos 46 números publicados durante os quatro anos de existência do periódico, observando a formação de uma literatura feminina em contraposição a uma literatura universal. Juliana Ferreira de Melo analisa as revistas *Grande Hotel* e *Idílio* como pioneiras na difusão dos fotorromances em seus respectivos países. A autora propõe um estudo comparativo que abarca as condições de produção e circulação de tais

periódicos destinados às mulheres no Brasil e na Argentina como indicadores da constituição da história da cultura escrita na América Latina.

Entre os capítulos que utilizaram como parte das fontes de pesquisa livros/materiais didáticos estão “Aprender a ler e a escrever na Espanha da Idade Moderna (séc. XVI e XVII)”, de Antonio Castillo Gómez; “Lectura en voz alta y formación del magisterio primario: discursos, manuales y prácticas (España, segunda mitad del siglo XIX – primer tercio del XX)”, de Antonio Viñao Frago; “A morte nos livros de leitura do final do século XIX e início do XX: um conteúdo para crianças?”, de Kênia Hilda Moreira e Thaise Barbosa Rodrigues; e “Notas sobre o compêndio ‘Curso completo de desenho para o ensino secundário – 1ª série ginásial’, de Amadeu Sperândio”, Dulce Osinski e Ricardo Carneiro Antonio.

Os capítulos de Castillo Gómez e Viñao Frago apresentam significativa contribuição para a história da leitura, na articulação entre normas e práticas. Castillo Gómez expõe uma discussão densa sobre a aprendizagem dos fundamentos da leitura, escrita e aritmética, em articulação com a educação cristã na Espanha do começo da Idade Moderna, atento às disparidades de gênero e classe social. O autor observa que o acesso à leitura e à escrita durante os séculos XVI e XVII contou com alguns progressos, como a difusão de livros, tratados de escrita e modelos caligráficos, associados a uma maior teorização sobre a aprendizagem materializada, com a criação de tratados pedagógicos, manuais de escrita e ortografia. Viñao Frago analisa os manuais didáticos destinados à disciplina “Teoría de la lectura”, usados nas escolas normais entre 1858 e 1931, contrastando-os com as práticas escolares e sociais de leitura em voz alta na sociedade espanhola, no período correspondente. Segundo o autor, acreditava-se que, à medida que o professor lia, os alunos também leriam e, para banir os vícios de pronúncia, nada mais apropriado do que fazer dos

professores bons leitores. Contudo, tanto os objetivos quanto os conteúdos dos referidos manuais didáticos de Teoria da Leitura contrastaram com as práticas escolares.

Kênia Moreira e Thaise Rodrigues analisam a presença do tema morte nos livros de leitura produzidos e em circulação entre o fim do século XIX e início do XX, questionando a função desse conteúdo em livros que têm a criança como público-alvo. Dulce Osinski e Ricardo Carneiro Antonio apresentam o desenho como uma “possibilidade da expressão gráfica”. Os autores abordam a relação entre as prescrições dos programas da disciplina e um compêndio produzido para a disciplina de desenho. Com tal intuito, expõem aproximações e distanciamentos entre a reforma Francisco Campos, no Brasil da era Vargas, e a prática escolar.

Por fim, em “Dicionário de História da Educação: verbetes de autoras(es) e livros para o ensino da leitura e da escrita no Brasil Oitocentista”, Diane Valdez e Ana Raquel Costa Dias explicitam os critérios de produção e analisam os dados resultantes da elaboração do *Dicionário de autoras(es) de cartilhas e livro de leitura no Brasil*, durante o século XIX. No texto, as autoras mencionam sobre os cuidados com a escrita biográfica e destacam a importância deste dicionário que aborda autoras(es) de impressos escolares.

Desejamos uma excelente leitura dos textos escritos impressos neste volume.

Kênia Hilda Moreira  
Giovani Ferreira Bezerra  
Antonio Viñao Frago